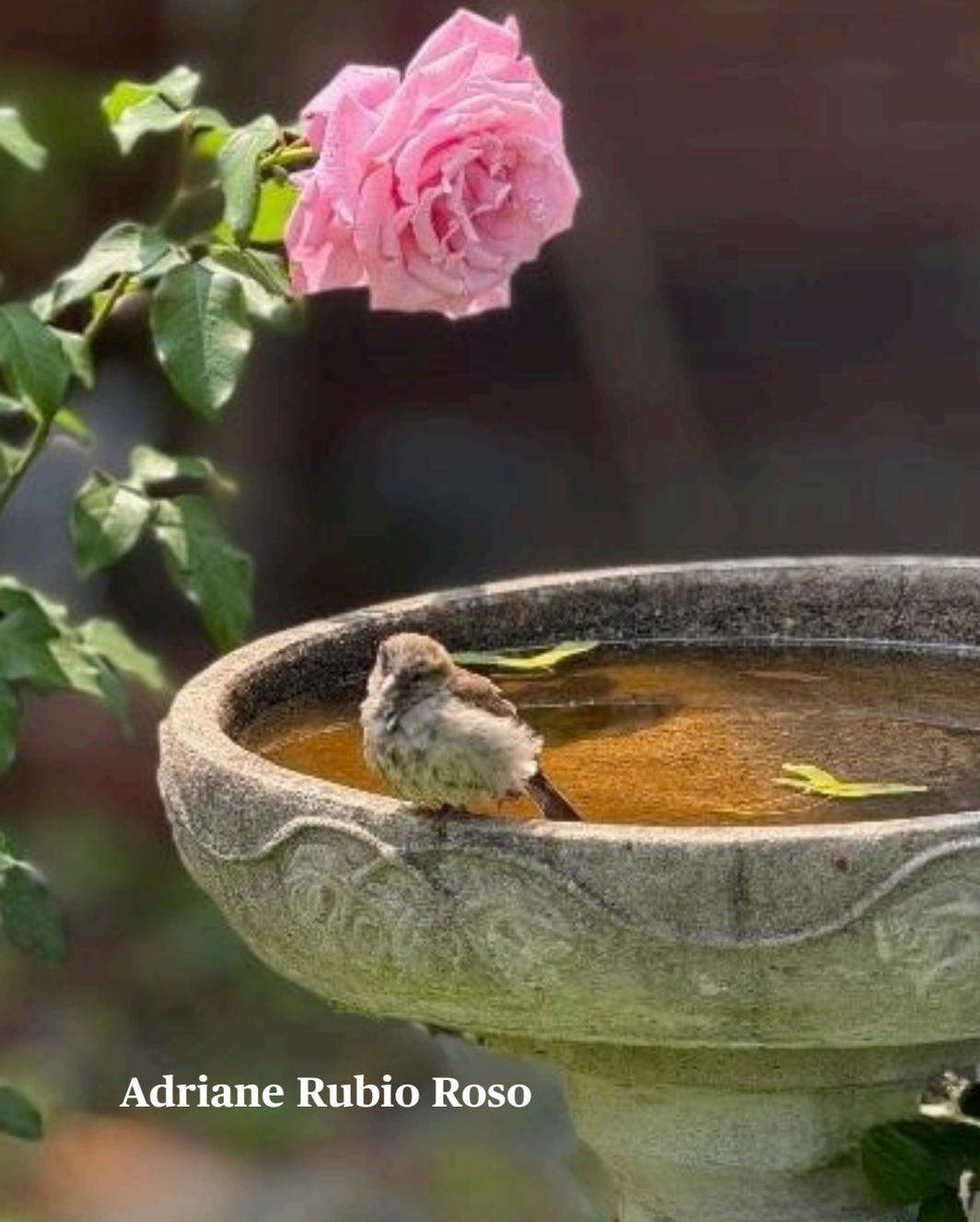


POEVIVÊNCIAS...
Devaneios Poéticos de Uma
Psicóloga Errante em Busca
de Luz



Adriane Rubio Roso

POEVIVÊNCIAS...

Devaneios Poéticos de Uma
Psicóloga Errante em Busca
de Luz

Adriane Rubio Roso

Editora Da Autora

Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil

© Adriane Rubio Roso

CRÉDITOS

Autora: Adriane Rubio Roso

Editora: Adriane Rubio Roso

Capa e Contra Capa: Fotografia (Adriane Rubio Roso) estilizada utilizando Microsoft Copilot

Fotografia: Alexandrina Rubio Roso, Adriane Rubio Roso, Alexandre Rubio Roso e Silvia Reupert.

Projeto Gráfico/Editoração: Adriane Rubio Roso

Casa Publicadora: Da Autora

Ano de Publicação: 2025

ISBN: 978-65-01-56307-7

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.15849310>

Local de Publicação: Santa Maria, RS, Brasil

Direitos Autorais:

© Adriane Rubio Roso

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou transmitida, por qualquer meio ou forma, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer sistema de armazenamento e recuperação de informações, sem a prévia autorização por escrito da editora, exceto no caso de breves citações para resenhas, fins acadêmicos ou não comerciais, desde que a fonte seja devidamente citada e o material não seja utilizado para venda ou qualquer finalidade comercial.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Roso, Adriane Rubio

Poevivências-- [livro eletrônico] : devaneios poéticos de uma psicóloga errante em busca de luz / Adriane Rubio Roso. -- 1. ed. -- Santa Maria, RS : Ed. da Autora, 2025.

ePub

ISBN 978-65-01-56307-7

1. Poesia brasileira I. Título.

25-283439

CDD-B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

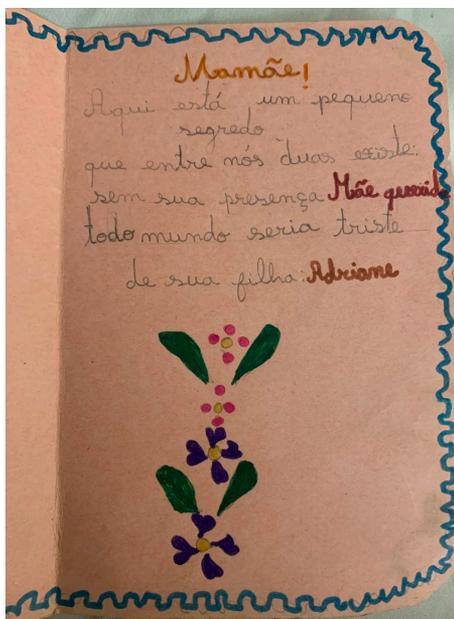
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Como citar (APA 7ª ed.):

Roso, A. R. (2025). Poevivências... devaneios poéticos de uma psicóloga errante em busca de luz. Da Autora. <https://doi.org/10.5281/zenodo.15849310> (ISBN 978-65-01-56307-7).

*A quem me amou intensamente, apesar de todas minhas faltas,
e que me deu asas para inventar a vida e conseguir enxergar
uma luz onde havia sombras.*

Mãe, te amarei eternamente...



Cartão escrito para minha mãe, ~1975.

... pode a escrita proporcionar uma tomada de posse de si mesmo, uma catarse para o coração angustiado, ávido de viver?"
(Serge Moscovici).

Introdução	14
Luz	18
A Fonte.....	19
Amor Adolescente	20
Gestar.....	21
Coração Cigano.....	22
Nostalgia.....	24
Editora Vida	25
Procrastinação.....	26
O Colégio	27
Se essa rua fosse minha.....	28
Guerras	30
Lavar a Dor	31
Tempos de Imaginação	32
Transm(enstr)utação.....	33
Metamorfose Lepidópera.....	34
Vírgulas	35
Feminismo(s)	36
Tem(p)o.....	38
A Casa da Mãe	40
Escrita à moda antiga.....	42
Feminicídio.....	43
Adulter.....	44
Saúde	45

Libido	46
Matriarca	47
Preconceito.....	48
Inconsciente	49
Medo.....	50
Decepção	51
Poetisa.....	52
Ácrata	53
Leitura	54
Caminhante	55
Estudante.....	56
Fênix	57
Pequenas Majestades	58
Amizade.....	59
Maternar	60
A Biblioteca	62
Dolo.....	64
Córrego.....	65
Déjà vu 1964	66
Sobrevivência.....	68
Amante.....	69
Poetisar	70
Imperialismo.....	71
Renascimento.....	72

Referências	74
Sobre a Autora	75

Introdução

Quando escrevo um poema é como se eu tirasse de dentro de mim uma parte que dói ou que explode de alegria. Lanço no papel - e normalmente escrevo a punho - meus mais profundos sentimentos, aqueles que normalmente não se alcança.

Quando escrevo poesia, elas saltam de dentro de mim inesperadamente. Não há aviso prévio. Extraio de dentro de mim mesma algo que borbulha e deposita na arte essa parte que não cabe e nem pode mais ficar solitária em meu peito. Alívio toda a tensão e a pressão que os afetos produzem nos meus pensamentos e na minha carne. Pulsão que insiste em extravasar. O extravasado se torna um vitral cheio de nuances e formas que, individualmente não dizem nada, mas que no conjunto, e olhado mais à distância, express meu inconsciente - aquilo que é insabido.

A poesia nunca é verdadeira ou falsa, nem bonita ou feia, muito menos real ou irreal. Ela é um vapor locomotivo que se espraia no ar e se mistura com o contexto, com a história, com as estórias, tornando-se uma ficção encarnada na alma.

Meus poemas, então, não podem seguir um padrão estilístico. Alguns têm rimas, outro são tão loucos que não são possíveis de serem detidos por camisa de força e nem por eletrochoque. Não fiz escola de Letras, nem me formei em Literatura, mas talvez meu estilo de poeatar seja uma mistura do Realismo e do Neosimbolismo - seja lá o que isto significa!

Autoras do Realismo estadounidense, como James Joyce, Virginia Woolf e Gertrudes Stein, e também nosso brasileiro Machado de Assis, me acompanharam desde que comecei a adolecer. Talvez a culpa por minha escrita ser um pouco destoadada, monótona, repetitiva, parecendo não ter sentido, e quiçá imatura, se deve à influência que recebi do Realismo Literário. Como em algumas obras do Realismo, uso muitos substantivos e coloco muita ênfase nos verbos. Repito ideias e frases. Meu vocabulário, frequentemente, é simples e coloquial. Muitas vezes, ignoro a gramática e não coloco pontos finais. De fato, eles me incomodam. Parece que existem para calar a poesia.

Por outro lado, amo as exclamações, as ironias, a conversa com as leitoras. Foram autores do Modernismo brasileiro como Manuel Bandeira (1886-1968), Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), Cecília Meireles (1901-1964), Mario Quintana (1906-1994) e Clarice Lispector (1920-1977) que me inspiraram a usar a ironia, a falar da vida cotidiana, da solidão, do amor, mas, também, olhar criticamente para as problemáticas sociais e políticas com leveza.

Ah, se meus poemas fossem submetidos a um tribunal de psicólogas, as juradas certamente ficariam confusas ou enlouqueceriam junto às minhas “devaneantes” palavras! Por favor, me perdoem, sou uma psicóloga errante - erro muito mais que acerto, mas juro que tento sempre o meu melhor.

Suspeito seriamente que não nasci com o dom de poetisa; simplesmente meus dedos brincam de poetar desde muito cedo. Escrevi minha primeira poesia como uma espécie de brincadeira infantil, fantasiando, “ficcioneando”, desfibrilando meu coração. Eu tinha uns 8 anos de idade. Certo dia, um homem que se chamava Moises, e trabalhava com minha mãe, leu um dos meus poemas e sugeriu que eu concorresse ao concurso de poesia da APLUB (Associação dos Profissionais Liberais Universitários do Brasil). Minha mãe enviou um dos meus escritos, mas nunca tivemos resposta. Muitos anos depois, eu já era adulta, enviei um poema para o concurso da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Também não sei que fim levou meu poema. E sinto não ter cópia de nenhum deles. Eram outros tempos, quando não usávamos computador e internet como hoje, mas o importante é que nunca desisti de poetar. E nem poderia.

Não poderia por que escrever poemas é como fazer análise, só que sem a analista ou sem alguém para moralizar. A fala é subsumida pela escrita. Ou será o inverso? Não sei.... Apenas sei que se auto “psicoterapizar” (e olha eu aqui inventando novamente palavras!), via arte, torna o ato de escrever poemas mais potente ainda, quase mágico, pois, reafirmando o que o psicólogo social franco-romano Serge Moscovici escreveu em sua autobiografia, a escrita nos proporciona uma tomada de posse de nós mesmas, uma catarse para o coração angustiado que está ávido por viver.

Então, para mim, e talvez para outras poetisas amadoras como eu, inventar poesias consiste em fazer arte que desenha trilhas de sobrevivência, nos possibilitando miúdos passos em direção à sanidade mental.

Junto à escrita, optei nesse livro, trazer também algumas fotografias que tiro no meu cotidiano ou que foram feitas por pessoas de minha convivência. Fotos podem ser também pequenas obras poéticas. Assim como a escrita, a imagem transmite algo do indizível, do invisível, do silenciado. Olhamos para a fotografia tanto quanto ela nos mira. É como num jogo de tabuleiro, onde as duas jogadoras se espreitam e tentam adivinhar o que se passa com essa outra que nos espreita.

Desse modo, quando você ler meus poemas com olhos suaves e despreziosos (assim espero), leia também as imagens, pois, por meio de ambos, desejo poder proporcionar uma viagem ao teu inconsciente e também às minhas culturas, de tal modo que estas singelas poesias possam te fazer vibrar.

Entendo a fotografia a partir de Roland Barthes. Ela nunca é sem movimento, ou uma obra estática e sem vida; é um *momentum* anestesiado e aprisionado, pronto para borboletear a qualquer instante.

Nesse sentido, a fotografia, e acrescento a poesia, se torna bizarra, uma nova forma atemporal de alucinação, uma modesta alucinação compartilhada, um imagem louca, confundida pela realidade (Barthes, 1981). A fotografia é poesia para quem consegue se poetar. E quem consegue se poetar, se metamorfoseia, para, então, se borboletear.

A criação dos poemas vem diretamente da minha alma. Posso dizer com certeza que eles compõem meu DNA. Eu sou o sujeito dessa atividade psíquica que é poetar. Assim, deixo aqui com você esses

pequenos restos de mim mesma, traços embaciados, fragmentos quasi-conectados que, somados, resultam nessa poeivência¹.

Para mim, poeivência é relativo à escrita que emerge da alma sem o controle da razão e é resultado das pulsões que insistem emergir, e ao se des-recalcarem, de algum modo misterioso, aliviam nosso sofrimento. Poeivência é poetisar-se na solidão em busca de luz, de sentido de vida.

Adriane Rubio Roso,
Cambridge, Massachusetts, Julho 2025.

¹ Expressão que elaborei a partir da poetisa brasileira Conceição Evaristo (2020). Ela usa a expressão "escrevivência" para se referir à escrita que emerge da experiência pessoal e também coletiva, resultante da resistência das comunidades negras frente à diáspora. Para mim, a poeivência é a escrita de poesias que emerge das profundezas da psique em um específico Zeitgeist.



Cadê minha luz?

Apagaram o brilho da minha estrela.

Ou será que eu que não mais a enxergo?

Desligaram o som da minha voz.

Ou será que sou eu que não mais a escuto?

Desconectaram minha alma.

Ou será que sou eu que não mais a sinto?

Mas não conseguiram(ão) silenciar meus sonhos.

Sempre há uma luz no fim do túnel.

E eu ei de me encontrar

Nem que seja a granel.

A Fonte²

Sabe quando a tristeza insiste,
E você fica se perguntando:
Por que bebi daquela água?
Por que logo eu, me machucando?
De repente, ao acaso,
Você captura aquele momento,
Um instante breve e tão raro
Que te inunda de luz por dentro.
Veja só: o passarinho sedento
Encontrou-se comigo, ali—
Só eu, no tempo e no vento,
Mais ninguém pôde assistir.
Era um recado do universo,
Pra alma cansada avisar:
Nem sempre o amor é reverso,
Mas é pra nunca mais me culpar.

² A rima deste poema foi ajustada com o auxílio do AIChat GPT-4.1

Amor Adolescente

Seus olhos encontraram os meus
Ultrapassei o teu corpo e o tempo
Entrei em você.

Busquei teu coração, tua alma.
Me (re)encontrei lá, bem no fundo
Nós, jovens, se beijando
Um arrepio, o ser inteiro tremendo.

Sonhos de adolescente
Futuro a ser escalado
Um medo de me perder em você
Meus sonhos não cabiam nos seus pequenos sonhos.

Fuga!
Não pude permanecer em você
e nem você em mim,
Apesar de sua insistência.
Vidas apartadas
Destinos errantes.

Um dia, quem sabe, quando o tempo tiver outra lógica
Vamos nos sentar juntos, por horas a fio
Chorar, se abraçar, se beijar
Amar sem temer se perder.



Cresce dentro de mim um anseio
Sempre imaginado,
Mas nunca antes concretizado.
Insegurança total,
Pavor,
Alegria.
Vou me transformando.
Não sou mais eu.
Não sou mais só eu.
Cresce dentro de mim uma vida,
Uma vida dentro de mim.
Anseio,
Medo,
Felicidade,
Crescem dentro de mim.

Coração Cigano

Meus passos ciganos, cheios de enganos e desenganos.
Dentro do peito uma vontade louca de ir, de vir, de fugir
De sorrir, de chorar, de amar.
De me encontrar,
Sem medo de me entregar.
Uma porta sempre aberta, na expectativa de algo melhor.
Repleta de esperança, mas escura.

Como um cigano, meu coração viaja
Em busca nem sei bem do quê.
Apenas construindo minha história.
Será que vou p'ra onde quero?
Melhor não pensar.
Só seguir sempre.
Olhando para o futuro,
Sem rumo, atrás do destino.
Com aquela vontade louca de ir, de vir, de fugir
De sorrir, de chorar, de amar.
De me encontrar
No meio dessa minha louca vida cigana.



CORAÇÃO CIGANO
Museu da Mulher Cigana, Granada, Espanha.
2024.
Fotógrafa: Adriane Roso

Nostalgia

Ai que saudade da minha Barra-Forte!
Nos dias de sol, cor vermelha reluzente;
Nos dias de chuva, sabor de liberdade.

Voava como um garanhão puro-sangue
Lá para o céu e voltava...
Rodando feliz nas avenidas de minha cidade.

Cresci, me acomodei, solidifiquei minha imaginação
E esqueci da minha pobre bicicleta!
Agora, no meio da poluição e da solidão
Sinto falta da fiel sultana.

Vermelho-vida
Vermelho-minha-juventude
Me digam, por favor, 'Onde foi parar a minha bicicleta?'
Nos anéis de Saturno, sussurra o Quintana...

 **Editora Vida**

Escrevi por escrever,
Ninguém me pediu,
Ninguém editou.
Escrevi por escrever,
Sem ser poeta,
Sem ser escritora.
Escrevi meus dias
Cheios de suor,
Cheios de amor.
Escrevi por escrever,
Mas só a vida publicou.

Procrastinação³

A tela...

Me olha,

Me cega,

Me engole,

Me anula.

Um dia desligo a chave geral,

E vou transformar esse mundo.

Aí, inventam outra tela.

Me olha,

Me cega,

Me engole,

Me anula.

Um dia desligo o wifi,

E vou transformar esse mundo.

Um dia...

³ "Recriado a partir do poema publicado em Roso (2017).

O Colégio

Lá dentro chuva...
Mãos brancas desenhavam palavras,
Na lousa inquietante.
Nada mais entediante.
Meu corpo presente,
Meu eu ausente.

Lá fora, querelas.
Borboletas azuis tilintando
No céu cintilante.
Tentei voar pela la janela.

Mirei uma Rabo-de-Andorinha
Desejei jamais voltar
Mas a professora muito sabida
Cerrou a janela antes que eu pudesse voar!

Se essa rua fosse minha

Se essa rua
Se essa rua fosse só minha
Eu mandava
Eu mandava asfaltar
Com pedrinhas
Com pedrinhas de brilhante
Para a minha
Para a minha mãe voar.



SE ESSA RUA FOSSE MINHA
Rua Alexandrina Rubio Roso (minha mãe), São Leopoldo, RS, Brasil.
Fotógrafo: Alexandre Roso

Guerras

Seria simples acabar com as guerras.
Bastaria não ter fronteiras,
nem nações,
muito menos armas, mísseis ou canhões.

Seria simples acabar com as guerras.
Bastaria aceitar um deus e muitos,
Ou todas as deusas do universo.

Seria simples acabar com as guerras.
Bastaria viver suas próprias vidas
que passam em quimeras.

Seria simples acabar com as guerras.
Se não tivéssemos
os corações endurecidos
Com pura ambição.

Mas não...
Sentam em seus tronos,
Impõem suas crenças,
retumbam suas bandeiras,
explodem os inimigos,
Jogando-os vivos em fogueiras.
Sem dó.
Pelo simples prazer de serem donos.

Lavar a Dor

Corre em mim vertente d'água,
Sulcando as rochas do meu ser,
entre sussurros e contornos d'alma.
Por favor, Doutor Tempo,
leve embora cada mágoa
para d'debaixo do alvorecer.
Lave minha dor
E me faça renascer.

Tempos de Imaginação⁴

Ser criança é ser livre;
É subir em muitas árvores.
Com ramos doces repletos de frutos.
Pitanga, goiaba ou laranja-lima
Comer tudo, nada mais arguto!

Cadê você, doce árvore amiga?
Refúgio do sermão, afago no meu coração.
Cortaram-te pela raiz,
Não tenho foto, nem pó, nem cinzas
Muito menos registro no alçaiz.
Apenas na minha imaginação...

De tudo, só restou a esperança
De que algum vento uivante tenha soprado,
P'ra longe dali, a semente que dança.

Lá nas terras encantadoras
do quintal da esperança
Mora a moça sonhadora,
Que outrora era a livre criança,
Que sabia subir em árvores.

⁴ Recriado a partir do poema publicado em Roso, Guerino (2013).
[@adrianeroso](#)

Transm(enstr)utação

Em pedaços de favo,
Mel vermelho-sangue,
Que a cada mês do ano
Desliza em meu ventre
E me transmuta
Em perfume de mascavo.

Pedacinhos de mim mesma,
Mel vermelho-dor
Que a cada mês do ano
Desliza em meu ventre
E me transmuta
Em flor de quaresma.

Vermelho-sangue,
Vermelho-dor,
Perfume,
Flor,
Mulher-menstruação,
Mulher-transmutação.

Metamorfose Lepidópera

Onde está o olho que me olha?
Será que olha e não me vê?
Será que vê mas não me olha?
Se tudo é um ponto de vista,
As mariposas são borboletas.
E as borboletas são pequenas Julietas
Que pousam para te amar.

Vírgulas⁵

Loucas,
desconexas,
berrantes,
absurdas,
canalhas,
insignificantes,
estapafúrdias,
e,
acima de tudo, dançarinas risonhas
da nossa insegurança.
Se possível,
colocaria vírgulas na vírgula
v,i,r,g,u,l,a,
sem dó nem piedade,
por puro prazer de vingança!

⁵ Poema dedicado ao Professor Krause, cuja didática para ensinar a língua portuguesa era espetacular.

Feminismo(s)

SOU FEMINISTA

Sou pró-lar.

Adoro tudo isso:

Decorar a casa,
Fazer um delicioso bolo,
Receber as amizades,
Ser bem-humorada,
Cuidar muito bem dos meus amados...
Mas, veja, não sou "do lar"!

Sou empoderada pra lutar com crocodilos.

Meu lugar "certo" só a mim pertence.

SOU FEMINSITA

Sou formosa.

Adoro tudo isso:

Usar vestidinho anos '70,
Usar colar de pérolas,
Cabelos bem longos ou bem curtinhos,
Me adornar no salão de beleza
Ser adulada pelos meus amores...
Veja, não sou boneca inflável!

Sou criadora de meus estilos.

Meu corpo só a mim me pertence.

SOU FEMINISTA

Sou romântica.

Adoro tudo isso:

Receber flores no domingo
Esperar que ele abra a porta do carro
Usar um lindo anel de noivado
Ser prudente e circunspecta

Andar de mão dadas com meu amado...
Ser companheira fiel e carinhosa.
Mas, veja, não sou recatada.

Sou sexy quando preciso!
Meus desejos só a mim me pertencem.

Sou pró-lar, formosa, romântica,
Mas também empoderada, estilosa, sexy
E ainda assim sou feminista.

Tem(p)o

É uma velhinha ranzinza,
Vestindo calça jeans.
Que esquece de tudo,
Seleciona sua escuta.
Tropeça no vento,
Cospe injúrias.
Dá risadas
Das suas (re)voltas
Sem temer virar cinzas.



Estudante

Olhos vidrados
Na lousa vincada.

Corpo na sala
Sob a classe rabiscada.

Pensamentos voantes
Na pergunta que cala.

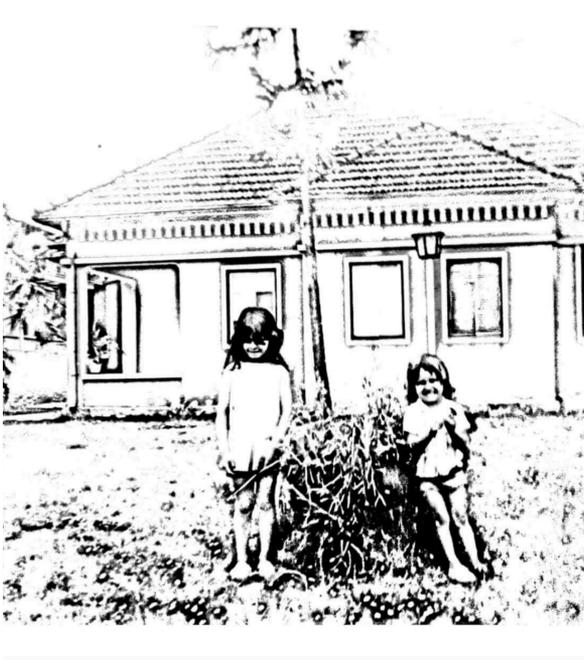
Alma pirraça
A sonhar com amantes distantes.

O tempo não passa;
Que conteúdo sem graça!

A Casa da Mãe

Quando tudo dá errado,
Quando você não sabe mais o que fazer,
Quando nem pedir socorro às amigas resolve,
Quando o desespero toma conta,
há aquele lugar que sempre vai te acolher: a casa da mãe.
Cheia de defeitos, exigências, manias, afrontas
Mas também carregada de amores, aromas e pães.

Agora, quando não existe mais essa casa,
Ali tem buracos, vazios...
Então, curta a casa de sua mãe,
Compreenda seus dias frios,
Aceite suas brasas,
Aproveita o que ela consegue te oferecer.
Um dia você vai sentir uma falta tão imensa
Da casa de sua mãe
Que seu corpo irá doer de saudade intensa.



A CASA DA MÃE
Meu irmão Andre e eu, São Leopoldo, RS, Brazil.
~1970.
Fotógrafa: Alexandrina Rubio Roso

Escrita à moda antiga

Oh, tosca caneta tinteiro,
Tu és a culpada!
Joguei-lhe num inútil gaveteiro,
E, agora, envelhecida e embrutecida
Estás ávida de vingança!

Como ousas debochar
De minhas rimas tortas
E bem-intencionadas?

Espirras na marca d'água
Sem nenhum receio,
Dando risadas e chibatadas,
fazendo dançar cada palavra,
Ecoando toda minha mágoa.

Feminicídio

Ele hetero-top.

Ele super macho.

Ele mata.

Ela morre.

Nós.

Nós.

Nós.

Nós resistimos.

Nós (en)lutamos.

Adultez

Vontade de brincar de casinha,
De lamber pirulito,
De banhar-me na chuva,
De fazer mal-me-quer,
De correr pro colo da mãezinha
Ao tropeçar na casa da vizinha.
Mas não posso, me tornei adolescente.

Vontade de não temer ser sincera,
De andar na garupa de uma moto,
De comer na cantina do colégio,
De namorar na arquibancada,
Ao calor do sol da primavera,
Mas não posso, me tornei adulta.

Saúde⁶

Um silêncio,
Olhar fugaz, sem escuta.
Quem se importa?
Só a sentimos na dor.
Uma invenção estranha, contraditória e complexa.
No momento que mais preciso, a incompletude.
Nada ali se encontra; apenas um vazio.
E um eco: saúde
- úde
- úde
- úde
Amiúde,
Quem se importa?

⁶ Poema originalmente publicado em Roso (2017), com alguma modificação.

 **Libido**

Vidração, feitiçaria?
Meu fogo arde,
inflama minha pulsão,
que insiste em vaziar
pra fora de minha razão.

Matriarca

Criança Camélia...

Menarca.

Está pronta pra casar!

Mãe Camélia...

Maternidade.

Está pronta pra educar!

Filha Ina, lustre, lustre o chão!

Filha Dina, lave, lave o calção!

Filha Ice, esfregue, esfregue o fogão!

Avó Camélia...

Menopausa

Está pronta pra aposentar!

Passado, repetição

Para que Camélia possa sobreviver...

Através de suas filhas .

Futuro, renovação

Netas! Lavem, lustrem, brilhem suas almas!

Para que Camélia possa viver

Para além de suas vidas.

Preconceito

Pre-conceito:

Um conceito que antecede.

Tanto bem como mal,

Transborda no peito.

Se bem,

Alegra-te,

Comunica-te,

Transborda-te.

Se mal,

Escuta-te.

Revolta-te.

Transforma-te.

Inconsciente

FERIDA.

Grosseiro.

Fantasmagórico.

Escuro.

Irregular.

Repetição.

Exceção.

Contradição.

Complexo.

Insabido.

VIDA.

Medo

Medo é só uma porta
Sem chave.
Aberta como alerta,
Pra nos dizer que
Se não há medo,
Não há saída.

Decepção

Relembrar mágoas do amado
É como ter pesadelos.
Tormento que insiste em voltar
Para nos atucanar insistentemente
Com mentiras do passado.

Mas é preciso relembrar,
É preciso sonhar,
Pra superar,
Quem desejamos nunca mais amar.

Poetisa

Escrever é uma arte
Que pode ser aprendida.
Basta praticar,
Mas depois que aprendemos,
Deixa de ser arte
E passa a ser uma forma de vida.

Ácrata

Meu corpo é positivista.
Minha mente é relativista.
Minha alma é anarquista.
Que se faz numa tecitura
Totalmente impressionista!

Leitura

Aquelas letrinhas dançantes,
mau acabadas,
brincam comigo,
fazendo pirraça
me animando.
Não me tornam submissa?

Juntando palavrinhas escoaçantes,
mau faladas,
sussurram comigo,
fazendo ameaças
me desafiando.
Não parece uma missa?

Santas letrinhas:
parem de me fazer cosquinhas,
senão vou ser insubmissa!

Caminhante⁷

Se os caminhos se fazem ao andar,
por que tanta formalidade?
Se os caminhos se fazem ao andar,
Não bastaria rebolar, sambar
Inventar caminhos alternos
E, 'golpe a golpe, verso a verso',
Amar?!

⁷ Poema originalmente publicado em Roso (2017), com alguma modificação.

Estudante

Olhos vidrados
Na lousa vincada.
Corpo na sala
Sob a classe rabiscada.
Pensamentos voantes
Na pergunta arriscada.
Alma pirraça
A sonhar com amantes distantes.
O tempo não passa
Que conteúdo sem graça!

 **Fênix**

Me predi num castelo
Da terra do faz-de-conta.
Mulher perfeita,
Esposa dedicada,
Mãe integral.

Não culpo ninguém.
Eu mesma me prendi
E me perdi
de mim mesma.
Num castelo que ruiu.

Chorei
Me despedacei, me desmontei.
Mas foi preciso
Cada segundo
Pra renascer
outra de mim mesma.

Como Fênix em chamas,
Mais forte, autêntica.
Pronta para amar
sem deixar-me prender
Outra vez em um castelo
Da Terra do faz-de-conta.

Pequenas Majestades

Ensinaamentos de pai e mãe
É o que fica na memória.
Há fases que não os escutamos;
Nós que sabemos!
Mas a vida nos ensina
Que a razão deles
Está longe de ser Ilusória.

Com a passagem deles
Para outro plano,
Caímos do pequeno trono.
Pelo espírito de Nanã,
Suas palavras retornam
Em qualquer fria manhã,
Das maneiras mais inusitadas.
Em sonhos e aparições,
Em objetos e bichinhos,
Ou em esvoaçantes fadas.

No peito, saudade vincada.
Sentimentos de culpa,
A arrogância derrocada.
Nossa vez da mea-culpa.
Sob soberba de pequenas majestades,
Sentimentos morais,
Enfrentando as tempestades.
Que outrora foram de nossos pais.

Amizade

O que é uma amiga?, perguntou a Estrelinha para a Lua.

Com um sorriso nos lábios, a lua respondeu:

Amiga é aquela que

na lua cheia te enche de elogios, diz verdades com delicadeza e te convoca a se desacomodar.

Amiga é aquela que

na lua minguante escuta tuas tristezas, pergunta como você se sente, quer se encontrar contigo nem que seja online para te acalantar.

Amiga é aquela que

na lua nova está louca pra saber as novidades, quer sair pra fofocar, e que começa a assistir a mesma série contigo só para te acompanhar.

Amiga é aquela que

na lua crescente cria intimidade, não deixa o tempo corrido afastar você dela e vai até a lua para te salvar sem se lamentar.

“Ah - reflete a Estrelinha: então, uma amiga é como vagalume que ilumina a escuridão de um eclipse sem ter a pretensão a tal! Piscapisca mas nunca se apaga”.

Maternar

Criar filha é um ato político feminista.
Dos mais difíceis.
Nesse mundo de loucura.
Lutar contra a misoginia,
Mostrar a realidade,
Transmitir a lealdade,
Exercer a filoginia
Sem perder a doçura.

Sim, maternar é um ato político feminista
Do qual sou protagonista
Na esperança de um dia
Minha filha viver todas as conquistas!



MATERNAR

Jessica (minha filha e eu), Caxias do Sul, RS, Brazil.
2005.

Fotógrafa: Silvia Reupert

A Biblioteca

Num piscar de olhos se foram todos de sua casa.
Tristeza, vazio, imenso prejuízo.
Veio a tempestade.
Sem mais a fazer,
a mulher pos-se a limpar o pó acumulado sobre os livros.

Nem mais lembrava que atrás das obras relevantes escondiam-se os escritos mais fascinantes.

Abandonados, empoeirados, dançavam à sua frente, gritando desesperados. “Volte, nossa linda menina carente, volte”.

Escutando os pequenos murmúrios, foi relendo, extasiada, reanimada.

Como pôde esquecê-los? Fernando, Mario, Cecília, Emily, Gabriel, Clarice, Érico, Hilda e outros tantos!

Um a um, libertou todos.
E com eles, voltou a perder o seu juízo.



A BIBLIOTECA
Libertando livros, Santa Maria, RS, Brazil.
2005.
Fotógrafa: Adriane Rubio Roso

Dolo

Deliberadamente,
Decidiu pela traição
Arrancando pedaços do meu coração!

Destruindo minha família,
Abalando minha autoestima,
Rapinando a convivência com minha filha,

Provocando todo tipo de emoção:
Raiva, angústia, tristeza.
Gigantesca decepção!

Mas...

Não arrancou minha serena consciência,
Não destruiu o amor que me constitui,
Não abalou a ética que está em mim,
Nem anulou a perena paz que me institui,
Muito menos provocou malevolência no interim.

Afinal, eu já sabia

Eu voo,
Ele afunda.

Córrego

Corre em em mim vertente d'água,
entre sussurros e contornos d'alma,
Sulcando as rochas do meu ser.
Por favor, correnteza,
leva embora cada mágoa
para d'debaixo do alvorecer.

Déjà vu 1964

Você não vê ?

Você não escuta?

Você não sente?

Déjà vu 1964?

Num dia comum,

Num piscar-de olhos,

Invadem a esplanada

Como se fossem uma boiada.

Você não vê ?

Você não escuta?

Você não sente?

Déjà vu 1964?

“Não tem como parar o povo”,

“Não tem como segurar”.

O 142 tem que se implantar!

Anti-democráticos clamam no altar

Pela intervenção militar.

Você não vê ?

Você não escuta?

Você não sente?

Déjà vu 1964?

“Quanto mais gente melhor”;

“Reunir todos para o Plano B”.

O 142 tem que se implantar!

Anti-democráticos clamam no altar

Pela posse do ex-militar.

Você não vê ?
Você não escuta?
Você não sente?
Déjà vu 1964?

Se o 142 se implantar,
Lá nos porões empoeirados
Vão nos torturar, nos estuprar
Na frente de nossos amados!
Foi assim de 64 a 85.

Você não vê ?
Você não escuta?
Você não sente?
Déjà vu 1964?

Se um ditador se implantar,
Lá nas universidades tão sagradas,
Vão nos calar, nos caluniar
Na frente de nossa juventude congelada.
Foi assim de 64 a 85.

Você não vê ?
Você não escuta?
Você não sente?
Déjà vu 1964?

Sobrevivência

À noite no vilarejo,
A menina deita num mar de lágrimas.
E na madrugada nada
Em seus sonhos,
Em seus desejos.

De manhã, veste seu sorriso.
Cria suas próprias rimas
Para sobreviver a seus segredos.
E, à tarde,
Transformar-se num simples lampejo.

Amante

Seu olhar dispara constelações.
Como Medusa,
Atração.
Depois,
Vingança,
Desprezo,
Desesperança.
Morte, por que não?
Tudo que sobra são as dores das traições.

Poetisar

Aos borbotões,
As poesias
Escapam
Pelas fendas do porão.
Exalam
Pelas rosas em botão.
Escrevem
Pelas estranhas vias
Do meu coração.

Imperialismo

A política é uma (des)graça!
Uma hora um país 'tá em cima,
Outras horas 'tá em baixo,
Fazendo pirraça.

O Sul virado do avesso,
Fazendo piruetas e caretas.
Mudando as silhuetas,
Lutando pelo progresso.

América Latina alvo do arsenal.
Golfo do México desnudo.
Quem são os dono do mapa?
Quem são os donos do mundo?
Confusão geral no Norte Global.

O poder desmoronando,
Rebolando para fazer novas conquistas.
Será apenas um sonho?
Ou um delírio Latino coletivo?
Somos pequenos anarquistas,
Insubmissos ao imperativo.

Renascimento

Me racho,
Me despedaço,
Me estilhaço.
Cindida e ardida,
Com tantas feridas.
Ah, que vida bandida!

Me broto,
Me salvo,
Me curo.
Me refaço
Cezida e florida,
Pois sou mesmo aguerrida!



RENASCIMENTO
Cambridge, Riverside, USA.
2019.
Fotógrafa: Adriane Rubio Roso

Referências

Barthes, Roland (1981). Camera Lucida: Reflections on Photography. 1st American ed. Hill and Wang.

Evaristo, Conceição (2020). A Escrivência e seus subtextos. In Duarte, Constância Lima & Nunes, Isabella Rosado (orgs.), Escrivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo, pp.27-46. Mina Comunicação e Arte. <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>

Moscovici, Serge (2005). Crônica dos anos errantes. Mauad X.

Roso, Adrianę (2017) (org.). Crítica e dialogicidade em psicologia social: saúde, minorias sociais e comunicação. Editora UFSM.

Roso, Guerino (2013). A saga da família Roso. Da Itália para o mundo. Legno.

Sobre a Autora

Nasci em São Leopoldo, Rio Grande do Sul. Sou cidadã brasileira e italiana. Psicóloga clínica-social e professora na Universidade Federal de Santa Maria.

A intensidade, a inquietação e a sensação de inacabamento borbulham em mim. É preciso poetar, por isso me tornei uma poetisa amadora. Preciso escrever, pois é assim que sobrevivo. Sou amante do escutar as almas, por isso me tornei psicóloga. Insistente na imprescindibilidade do amadurecimento via alteridade, por isso me tornei professora. Crente na multiplicação do amor para uma humanidade mais justa e amorosa, por isso me tornei mãe. Agora, me resta contemplar o sol, as nuvens e o vento para andorinhar-me.



ADRIANE RUBIO ROSO

Selfie (Iphone), Cambridge, Inman Square, EUA.
2025.

ADRIANE RUBIO ROSO

Neste livro de poesias, a autora apresenta versos que nascem da intensidade de sua própria existência e da escuta sensível que a acompanha como mãe, psicóloga e professora. Entre poemas e fotografias, a autora convida a uma travessia poética em que cotidiano, amor, inquietação e reflexão social se entrelaçam com delicadeza e profundidade. Cada palavra é um convite para mergulhar no indizível, permitindo que os afetos e seu testemunho de vida se revelem em cada página. Um livro para quem deseja vibrar com a poesia e se deixar transformar pelas poeivências.



ISBN: 978-65-01-56307-7

CBL



9 786501 563077



DA AUTORA



adrianeroso@yahoo.com